



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7720 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR EM BUSCA DA QUALIDADE DE VIDA NA FAVELA DE MANGUINHOS

Yansy Aurora Delgado Orrillo - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Renan Vicente da Silva - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Gustavo de Oliveira Figueiredo - NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A SAÚDE

Agência e/ou Instituição Financiadora: PROFAEX, CAPES

CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR EM BUSCA DA QUALIDADE DE VIDA NA FAVELA DE MANGUINHOS

Nesse texto discutiremos o processo de construção coletiva que articulou estudantes de graduação da área de saúde integrantes de um projeto de extensão com instituições públicas e lideranças comunitárias para desenvolver um movimento de educação popular que propõe a busca por qualidade de vida numa perspectiva ampliada de saúde em territórios da periferia urbana. Apresentamos um projeto de extensão que é desenvolvido desde 2014 na favela de Manguinhos, Rio de Janeiro, que busca colocar em prática os conceitos de transdisciplinariedade e intersectorialidade promovendo a articulação de equipamentos públicos de educação, saúde e cultura com movimentos populares.

Analisamos o compromisso com um fazer extensionista capaz de tecer uma outra formação possível, em um diálogo concreto com a realidade. Refletimos sobre as potencialidades da experiência enquanto estratégia de educação popular com o objetivo de pensar como o processo participativo de construção desse espaço crítico de acolhimento das demandas comunitárias pode favorecer a busca por melhor qualidade de vida na favela.

Sediado em um equipamento público da rede estadual de cultura, o Centro de Referência da Juventude (CRJ), nosso primeiro desafio foi a formação política necessária para a ativação do espaço físico, o que foi se fortalecendo com discussões teórico-reflexivas nos encontros da equipe de extensão em interação com as necessidades da favela. Pouco a pouco fomos construindo a mobilização das redes locais para atender a demanda da comunidade pela construção de um espaço de acolhimento do sofrimento gerado pela exclusão social e a violência.

Algumas parcerias foram fundamentais como o jornal comunitário *Fala Manguinhos!*, uma mídia contra hegemônica construída pelos moradores do território. Também criamos um importante diálogo com a *Biblioteca Parque Marielle Franco*, com a *Unidade de Saúde da Família Victor Valla* e o *Centro de Atenção psicossocial - Caps Magall*. Outro diálogo importante foi com os cursos de graduação na área da saúde, constituindo uma transgressão

ao modelo hospitalocêntrico ainda predominante na formação em saúde. A partir dessas relações elaboramos coletivamente um material para comunicar a proposta da criação de um espaço de acolhimento das questões relacionadas à luta por saúde e qualidade de vida em Manguinhos.

Todos esses diálogos tiveram por finalidade apresentar as movimentações que seriam realizadas fora dos muros da universidade e a possibilidade de realizar ações de promoção de saúde e educação popular num processo de encontro dos estudantes universitários com a realidade da vida na favela. Após tecer nossas redes e articular encontros com atores chave no território, realizamos um mutirão para organizar o espaço físico que estava desativado no CRJ. Com a conquista do espaço, e após a formação de um pequeno grupo de moradores, iniciamos os encontros presenciais com os nossos participantes. Consideramos que esse foi o início da nossa ação na luta política-afetiva para uma outra forma de ser e fazer em saúde com as realidades que nos permeiam. De modo paralelo, foram emergindo estratégias de comunicação da ação para promover a participação da comunidade.

Inicialmente, essa divulgação foi promovida pelas lideranças do território que estavam nos apoiando. Ao longo dessas movimentações no território fomos amadurecendo e nos envolvendo melhor com as pessoas, construindo vínculos afetivos com os nossos possíveis participantes e compreendendo melhor a dinâmica de poder local, o que foi essencial para o desenvolvimento de nossas atividades. A intervenção é realizada semanalmente com grupos de oito pessoas que compartilham suas histórias de vida e vivências pessoais por meio do auxílio de dinâmicas integradoras e do processo de escuta sensível.

O processo de trabalho no território consiste na realização de rodas de conversa para construção de laços afetivos, além da movimentação e relaxamento para promover uma ressignificação do ser, por meio de práticas corporais individuais e coletivas. Os encontros foram desenvolvidos na perspectiva do acolhimento, o qual segundo Romanini et al. (2017), é considerado um *dispositivo de construção do sentido comum*; assim como fomos inspirados na abordagem da educação popular desde uma perspectiva freiriana que tem como um dos seus princípios o profundo respeito pelos saberes e experiências dos setores populares que promove uma aprendizagem dialógica, horizontal e problematizadora da realidade opressora (FREIRE, 1983).

O cuidado se transforma assim num fenômeno político e os temas abordados emergem sempre do diálogo fluido e horizontal nas rodas de conversa onde os participantes também propõem dinâmicas, ações, eventos para enfrentar os problemas do território que afetam a subjetividade dos moradores da favela, sempre num processo de construção coletiva. Alguns temas abordados foram as dores no corpo trabalhador causadas pela exclusão e a opressão, saúde mental decorrente da pobreza, violência contra a mulher, as limitações de ser criança e do desenvolvimento humano na favela, desemprego e dificuldades no trabalho, entre outros.

Diante disso, a ação se constitui pelo envolvimento na construção de laços intersubjetivos entre os participantes, os quais propiciam um *fluxo de saberes orgânicos* (Santos, 2018) em nossas afetuosas conversas. Os saberes populares, concretizados nas expressões dos sujeitos, promovem uma imersão nas histórias e experiências de vida e se encontram com os saberes técnicos e políticos da Academia formando um amálgama de extrema potência para a tomada de consciência sobre a origem social dos problemas da favela e a necessidade de valorização das potências locais para a transformação da realidade na luta por melhores condições de vida. Aprendemos com a vivência dessas ações a não promover encontros com o imperativo de transmitir conhecimentos científicos, e não limitar a promoção da saúde em mudanças de comportamentos individuais. Compreendemos o valor de promover uma escuta sensível dos saberes que emanam das próprias lideranças comunitárias a partir de

suas memórias e da expressão do sofrimento forjada em seus corpos. Os diálogos abordam desde os acontecimentos cotidianos até os sentimentos mais profundos que atravessam nossas subjetividades, dos participantes e da equipe. Somos todos afetados mutuamente em uma relação centrada na *amorosidade crítica* relatada por Freire.

Alguns resultados tem mostrado que o fortalecimento de laços afetivos dentro do grupo e do vínculo com o território são capazes de promover uma ressignificação da educação popular a partir de uma *Ética do cuidado de si e dos outros como prática de liberdade* (FOUCAULT, 2006). Também percebemos a relevância da vivência dos métodos educativos dialógicos e críticos envolvidos na ação, com a potência da experiência para que se criem e recriem os *sentidos da vida* como fundamento para outras práticas possíveis, que se afastem do modelo baseado na cura medicamentosa das doenças, renovando a luta por saúde numa perspectiva que integre as dimensões bio-psico-social do Ser Humano. Apesar dos desafios na construção de uma ação coletiva de educação popular em cenários de vulnerabilidade social onde as desigualdades se tornam evidentes, identificamos a potencialidade dos processos de mobilização para a transformação social necessária.

Palavras-chave: Educação Popular. Favela. Promoção da Saúde. Qualidade de Vida.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade, política*. RJ: Forense, 2006. p. 264-287.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- ROMANINI, M; Et al. O conceito de acolhimento em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários. *Saúde debate*, v. 41, n. 113, 2017. p. 486-499.
- SANTOS, A. *Somos da terra*. Belo Horizonte: Piseograma, 2018.